

PSICANÁLISE

Sérgio Telles

Visita às casas
de Freud e outras
viagens

2ª edição

Blucher

VISITA ÀS CASAS
DE FREUD E
OUTRAS VIAGENS

Sérgio Telles

2ª edição

Visita às casas de Freud e outras viagens, 2ª edição

© 2023 Sérgio Telles

Editora Edgard Blücher Ltda.

Publisher Edgard Blücher

Editor Jonas Eliakim

Coordenação editorial Andressa Lira

Produção editorial Luana Negraes

Preparação de texto Maurício Katayama

Diagramação Negrito Produção Editorial

Revisão de texto MPMB

Capa Leandro Cunha

Imagem da capa iStockphoto

Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar

04531-934 – São Paulo – SP – Brasil

Tel.: 55 11 3078-5366

contato@blucher.com.br

www.blucher.com.br

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, conforme

6. ed. do *Vocabulário Ortográfico da Língua*

Portuguesa, Academia Brasileira de Letras,

julho de 2021.

É proibida a reprodução total ou parcial por quaisquer meios sem autorização escrita da editora.

Todos os direitos reservados pela Editora Edgard Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Telles, Sérgio

Visita às casas de Freud e outras viagens /
Sérgio Telles. – 2. ed. – São Paulo : Blucher, 2023.

230 p.

Bibliografia

ISBN 978-65-5506-741-5

1. Crônicas brasileiras I. Título.

23-1734

CDD B869.93

Índice para catálogo sistemático:

1. Crônicas brasileiras

Conteúdo

O nome de Vincent Van Gogh: algumas especulações sobre o desejo da mãe e o suicídio	7
A compulsão à repetição em Tchekhov	15
<i>O Horlá</i> : considerações sobre a constituição do sujeito	19
Pare no D: algumas ideias sobre <i>Esau e Jacó</i> e <i>Memorial de Aires</i>	35
Spencer Tunick e seus corpos nus	57
Munch no porta-joias freudiano	61
O que está em jogo no esporte?	67
O desejo em Santa Teresa d'Ávila e em Freud	71
Espelho, espelhos	79

A psicose em <i>O céu que nos protege</i> (<i>The sheltering sky</i>), de Paul Bowles	89
Uma leitura de <i>Duas damas bem-comportadas</i> , de Jane Bowles	97
Canibalismo	109
Considerações sobre a nudez a partir das fotos da tortura no Iraque	115
De novo e sempre, o mal-estar na cultura	125
<i>Alétheia, Doxa e Episteme</i> : onde se esconde a verdade no discurso dos políticos	145
Visita às casas de Freud: uma ficção freudiana	153
O dom de falar línguas: sobre a glossolalia	169
No enterro de Escobar: a importância da culpa em <i>Dom Casmurro</i> , de Machado de Assis	199
A perplexidade de Alice	211
Posfácio	225
<i>Chaim Katz</i>	

O nome de Vincent Van Gogh: algumas especulações sobre o desejo da mãe e o suicídio

Van Gogh, que se suicidou aos 37 anos em 29 de julho de 1890, ergue-se atualmente como o maior mestre holandês depois de Rembrandt. É reconhecido como uma das maiores forças impulsionadora da arte moderna, através da poderosa influência que exerceu sobre o expressionismo.

Como protótipo do gênio incompreendido, Van Gogh morreu pobre e desconhecido. Enquanto vivo, vendeu apenas um de seus mais de oitocentos óleos e setecentos desenhos. De sua participação com algumas telas no Salão dos Independentes de Paris, em 1888 e 1890, e de sua única exposição individual – em Bruxelas – mereceu somente um artigo crítico na imprensa. Sua fama – impulsionada por seus amigos pintores – começou a se impor muito mais tarde, no início do século XX.

David Sweetman¹ discute as circunstâncias do suicídio de Van Gogh, atribuindo-o à irresponsabilidade e inconseqüência de seu médico, doutor Gachet. Sweetman diz que, após se automutilar,

1 Sweetman, D. (1990). *Van Gogh: his life and his art*. Crown Publishers.

cortando a orelha, Van Gogh foi internado no Asilo de Saint-Rémy, onde foi diagnosticado de “epilepsia hereditária”, agravada por “excesso de trabalho e álcool”. Dali foi levado para Auvers-sur-Oise, pelo irmão Theo, para ser cuidado pelo dr. Gachet.

Doutor Gachet era uma figura excêntrica. Vestia-se de forma pouco convencional e consta que seu consultório parecia um macabro laboratório de alquimista, decorado que era com máscaras mortuárias de criminosos guilhotinados. Lançava mão de práticas discutíveis para os padrões da época, especialmente no que dizia respeito à cirurgia. Enquanto estudante não conseguira dissecar cadáveres e se graduara com uma tese sobre melancolia. Era pintor amador e gravurista. Na ocasião em que recebeu Van Gogh, aos 61 anos, colecionava pintores de vanguarda (os impressionistas) e se interessava pelo então nascente estudo das doenças mentais. Devido a tais características, era considerado habilitado para tratar pessoas criativas. Artistas como Pissaro e Cézanne foram seus pacientes.

Van Gogh melhorara muito ao sair de Saint-Rémy. Estava num período de plena efervescência criativa, pintando um quadro por dia. Doutor Gachet desde o início demonstrara pouco interesse pelo novo paciente, achando que ele necessitava apenas de aconselhamento, que ele deu de forma precária e em poucas ocasiões.

Antes de chegar a Auvers-sur-Oise, Van Gogh já havia tentado por três vezes o suicídio: a primeira, dois anos antes, quando cortou a orelha; depois, ao tentar por duas vezes envenenar-se com a ingestão de tinta e solventes. Sob os cuidados de doutor Gachet, fez a quarta tentativa, dando-se um tiro no peito, no dia 27 de julho. A bala atravessou o tórax, alojando-se na coluna, sem atingir nenhum órgão ou vaso sanguíneo importante.

Doutor Gachet, que aparentemente não dera muita importância às tentativas anteriores, mesmo então, após o tiro, manteve uma

atitude inexplicável: permitiu a Van Gogh permanecer em posse do revólver, como se tolerasse a possibilidade de seu suicídio, que efetivamente ocorreu no dia seguinte, quando Van Gogh se deu um novo tiro.

Em relação ao primeiro, Gachet não tomara providência alguma, alegando que nenhum cirurgião tiraria bala tão profundamente instalada. Sweetman supõe que ele provavelmente ignorava os avanços já alcançados pela cirurgia naquele momento. Paul Gachet, filho do médico, escreveu em suas memórias que o pai não achara necessário tomar nenhuma atitude por acreditar que nada poderia ser feito, a não ser torcer por uma recuperação milagrosa, o que não ocorreu, uma vez que logo apareceram sinais de infecção.

Podemos imaginar que a atitude de descuido, a avaliação incorreta da gravidade do quadro de Van Gogh dever-se-iam não só ao despreparo médico de Gachet, mas também a uma reação contratransferencial negativa frente a seu paciente, uma recusa em ajudá-lo. Podemos também especular até que ponto um gravurista e pintor amador – como o era Gachet – não se sentiria acachapado frente a um verdadeiro gênio. Até que ponto a inveja, a competição e a rivalidade não teriam determinado esse desfecho?

Sweetman acredita que a última fase do pintor em Auvers-sur-Oise não é expressão de sua doença. Pelo contrário, seria uma “doação de saúde e força espiritual”. Van Gogh não teria contaminado as telas com sua loucura, e sim lutado para afastá-la de si e de sua obra.

Não deixa de ser irônico lembrarmos que o retrato do dr. Gachet, pintado por Van Gogh justamente naquela época, foi vendido em 15 de maio de 1990 para o industrial japonês Ryoei Sato, pela astronômica soma de 82,5 milhões de dólares, cifra até então nunca atingida por uma tela no mercado de arte.

Sweetman acrescenta dados que são de grande interesse. Quinze dias antes do suicídio, Van Gogh recebeu de Paris uma carta do irmão Theo, na qual ele dizia que seu filhinho Vincent Willem – cujo nome era uma homenagem ao tio – estava seriamente doente. Ora, Van Gogh não poderia ter esquecido que o primeiro filho de seus pais, o irmão que o antecederia e que se chamaria Vincent Willem, nascera morto e que ele próprio nasceu exatamente no mesmo dia, um ano após sua morte, e, por isso, recebera esse nome em homenagem a ele, o morto. O pensamento de que agora outro Vincent Willem, seu sobrinho, estava com a saúde muito debilitada poderia ter complicado ainda mais o instável estado do pintor.

Essa hipótese levantada pelo biógrafo faz muito sentido dentro de uma perspectiva psicanalítica, pois tal acontecimento poderia ter atualizado e agudizado um impasse central na vida de Van Gogh, apontando para um profundo conflito em sua identidade. Tal conflito decorre do fato de *ocupar ele o lugar de um outro, de um morto, de ser ele o representante do desejo materno de negar a morte de um outro filho*. Isso significa que, nessas circunstâncias, a mãe jamais reconhece e legitima esse filho em sua singularidade.

Esse aspecto da vida de Van Gogh aproxima-se muito do caso Pierre-Marie, descrito por Serge Leclaire.²

Pierre-Marie, o paciente, também recebera seu nome em homenagem a um irmão morto, de nome Pierre e em honra da Virgem Maria. Ora, tal fato não é nada simples. Evidencia a impossibilidade de sua mãe realizar o trabalho de luto pela morte do primeiro filho, a tentativa de negar a morte dele. Isso faz com que, diz Leclaire, Pierre-Marie seja uma

2 Leclaire, S. (1977). Pierre-Marie ou sobre a criança. In *Mata-se uma criança: um estudo sobre o narcisismo primário e a pulsão de morte* (pp. 7-23). Zahar.

figura não articulada do desejo de sua mãe . . . [uma] criança destinada por sua mãe à imortalidade, antes mesmo de ter nascido, ocupando o lugar de seu irmão morto; ele queima como a chama que brilha em sinal do luto por seu irmão, destinada a nunca mais se pagar. (Leclaire, 1977, pp. 7-23)

Pierre-Marie procura a análise por causa de suas tendências suicidas, pelo desejo de se matar. Leclaire entende tais fantasias como expressão do desejo e da necessidade de matar a “criança maravilhosa”, expressão e representação do desejo materno, imagem na qual Pierre-Marie está aprisionado e cuja “morte” é absolutamente necessária para que ele possa viver.

Leclaire chama esta representação privilegiada de “representante narcísico primário” e acha ser esta uma das tarefas mais importantes do analista – o perpetrar a morte desta “criança”:

A prática psicanalítica consiste em tornar manifesto o trabalho constante de uma força de morte, esta que consiste em matar a criança maravilhosa (ou aterrorizante) que, de geração em geração, testemunha acerca dos sonhos e desejos dos pais; só há vida a esse preço, pela morte da imagem primeira, estranha, na qual se inscreve o nascimento de cada um. Morte irrealizável, mas necessária, pois não há vida possível, vida de desejo, de criação, se cessarmos de matar a criança maravilhosa que renasce sempre. (Leclaire, 1977, p. 10, grifos do autor)

No caso de Pierre-Marie e, supostamente, no de Van Gogh, o desejo materno é claro, transparente, até certo ponto consciente: substituir um filho morto, negar o luto, muito embora tal desejo

deva ter prolongamentos inconscientes que explicariam a impossibilidade de elaboração do luto. Que fantasias estariam depositadas naquele primeiro filho, das quais a mãe não pode abdicar?

Mas isso que aparece com relativa nitidez nesses dois casos não é a exceção, e sim a regra, é a maneira específica da estruturação própria de cada sujeito. Diz Leclaire (1977):

Mesmo que não exista na história familiar um irmão morto, há sempre no desejo dos pais alguma perda à qual não puderam resignar-se – seja ela a de seus próprios sonhos infantis –, e sua progeneritura será sempre e antes de tudo o suporte excelente e privilegiado daquilo a que eles tiveram de renunciar. (p. 20)

Dizendo de outro modo, as crianças nascem imersas dentro do campo dos desejos e fantasias inconscientes dos pais, são de imediato deles depositárias e é justamente esse desejo materno-paterno o material constitutivo do núcleo mais inacessível de seus inconscientes. É, como já vimos, a isso que Leclaire chama de “representante narcísico primário”. É somente “destruindo”, via análise, esses representantes narcísicos primários, esses avatares do desejo dos pais, que o sujeito pode assumir seu próprio desejo, viver sua própria vida.

Não que isso seja fácil, pois o próprio sujeito se estrutura e organiza em torno destes representantes narcísicos primários, “significante dirigente que define o desejo da mãe”, que vai constituir “uma representação inconsciente propriamente dita”, cujo acesso é muito difícil,

tanto mais difícil (ou mesmo impossível) de ser apreendida e nomeada, uma vez que se encontra inscrita no

inconsciente de um outro, simples, dupla ou múltipla, isto é, no desejo daqueles que conceberam ou viram nascer a criança. (Leclaire, 1977, p. 18)

Mas é justamente esta tarefa “impossível” que a psicanálise se dispõe a enfrentar – desentranhar o sujeito do desejo do Outro, embora este desejo do Outro seja o que com mais precisão o constitui, seja o seu cerne alienado, confuso e perdido.

Quem sabe, Van Gogh não conseguiu discriminar, em suas fantasias suicidas, o que havia de legítimo em seu desejo de viver, de se desembaraçar da “criança maravilhosa” do desejo de sua mãe, de matar essa “criança” para efetivamente viver, e essa confusão custou-lhe a própria vida.

Pierre-Marie teve mais sorte e a presença de um analista – Leclaire – foi imprescindível para o bom desfecho de sua travessia.

A compulsão à repetição em Tchekhov¹

Tchekhov tem um pequeno conto de duas páginas e meia, intitulado *Do diário de um auxiliar de guarda-livros*.² Como diz o título, o conto consta de oito anotações feitas no diário de um pequeno burocrata, registradas irregularmente no correr de 23 anos. A primeira data do ano de 1863, e a última, de 1886.

O conto tem uma estrutura clara e definida. As oito entradas são praticamente iguais, construídas segundo um mesmo modelo de três parágrafos.

No primeiro parágrafo anuncia-se que Glótkin, o guarda-livros chefe, sexagenário, está doente, e o autor das anotações do diário – o narrador – se congratula com a doença do chefe, imaginando sua morte, o que permitiria sua ascensão na estrutura do serviço público, pois está implícito que se trata de um cargo vitalício. O segundo parágrafo refere-se a um colega, Klechchóv, que está sempre

1 Publicado no *Jornal da Tarde*, Caderno SP, 7 de janeiro de 1995.

2 Tchekhov, A. (1995). *A dama do cachorrinho e outros contos* (2a ed., p. 29). Max Limonad.

fazendo algo errado, censurável, pelo qual é habitualmente punido. E o terceiro parágrafo relata uma pequena doença do autor do diário, ou seja, do narrador.

A sétima entrada informa que morreu Glótkin e, contrariando todas as expectativas do narrador, outro funcionário – um certo Tchálikof, “recomendado por sua tia, casada com um general” – fora indicado para o cargo.

A oitava anotação repete a primeira. Tal como 23 anos antes, o narrador, mais uma vez, fica torcendo para que o atual chefe Tchálikof morra para poder ocupar seu cargo. Klechchóv continua provocando escândalos e merecendo punições, enquanto ele, o narrador, permanece padecendo de pequenas doenças.

Nessas duas páginas e meia, Tchekhov dá mostras da extraordinária compreensão dos mecanismos psíquicos inconscientes que regem o destino humano. Neste curto conto, mostra, de forma concisa e esteticamente primorosa, um aspecto central dos desejos humanos – aqueles centrados no complexo de Édipo. O narrador, ao desejar a morte do chefe para ocupar seu cargo, está expressando sua conflitiva edipiana de desejo da morte do pai, deslocada para este claro substituto paterno – o chefe. Tal desejo de morte desencadeia a culpa e a necessidade de punição, imediatamente projetadas sobre o colega Klechchóv. Mesmo assim, não consegue se livrar por completo da culpa; ela persiste, manifestando-se através de sua queixa permanente de estar doente. Ou seja, o narrador se pune com o sofrimento autoimposto de doenças imaginárias.

Podemos pensar que são seus desejos da morte do pai e a culpa daí advinda o que – de fato – o impede de ascender ao lugar de chefe, o lugar que – em sua fantasia – é o do pai, como se evidencia no conto. Tal ascensão fica sendo um desejo censurado e de impossível realização e, por isso mesmo, recorrente.

O fato de que esse desejo se mantenha inalterado por 23 anos, independente de quem ocupa o lugar do chefe – morre Glótkin e todo o processo se reinicia com seu substituto Tchálíkof –, mostra não só uma vertente da estrutura do conflito edipiano, mas um outro aspecto do inconsciente – a compulsão à repetição, corolário da atemporalidade, acronicidade dos desejos reprimidos, da viscosidade da libido.

É a compulsão à repetição a armadilha de aço que nos prende por toda a existência, fazendo-nos repetir vida afora padrões de relacionamento e modos de ser estabelecidos na mais remota infância, impossibilitando-nos de viver de acordo com o momento presente.

Cito este exemplo de Tchekhov em *Do diário de um auxiliar de guarda-livros*, como poderia ter escolhido qualquer outro em inúmeras obras literárias, para ilustrar aquilo que Freud falava dos escritores, nos quais reconhecia seus precursores pela capacidade de intuírem as grandes verdades do desejo e da estrutura inconscientes e pela capacidade de exprimi-las em obras de arte, ao invés de fazê-lo através de sintomas psíquicos, como ocorre com a maioria dos meros mortais.

A relação de Freud com os escritos literários tem como paradigma o uso que fez de *Édipo Rei*, de Sófocles, em que o dramaturgo grego descreve com força e arte o momento constitutivo fundamental do ser humano.



Dono de invejável cultura, acuidade de raciocínio e sensibilidade crítica, Sérgio Telles revela uma capacidade inquietante de viajar, como um nômade, pela escritura da psicanálise e pela produção artística. Um errante: entra e sai do estranho país freudiano, trazendo sempre uma perspectiva de fora de criadores consagrados, como Van Gogh, Tchekhov, Maupassant, Machado de Assis, Spencer Tunick, Munch, Santa Teresa d'Ávila, Guimarães Rosa e Paul e Jane Bowles. Mas não para por aí: a consciência de que todo analista é também um crítico da cultura que testemunha faz com que Telles agregue à série de ensaios que compõem o livro alguns textos sobre o mal-estar na civilização.

Betty Fuks

PSICANÁLISE

ISBN 978-65-5506-741-5

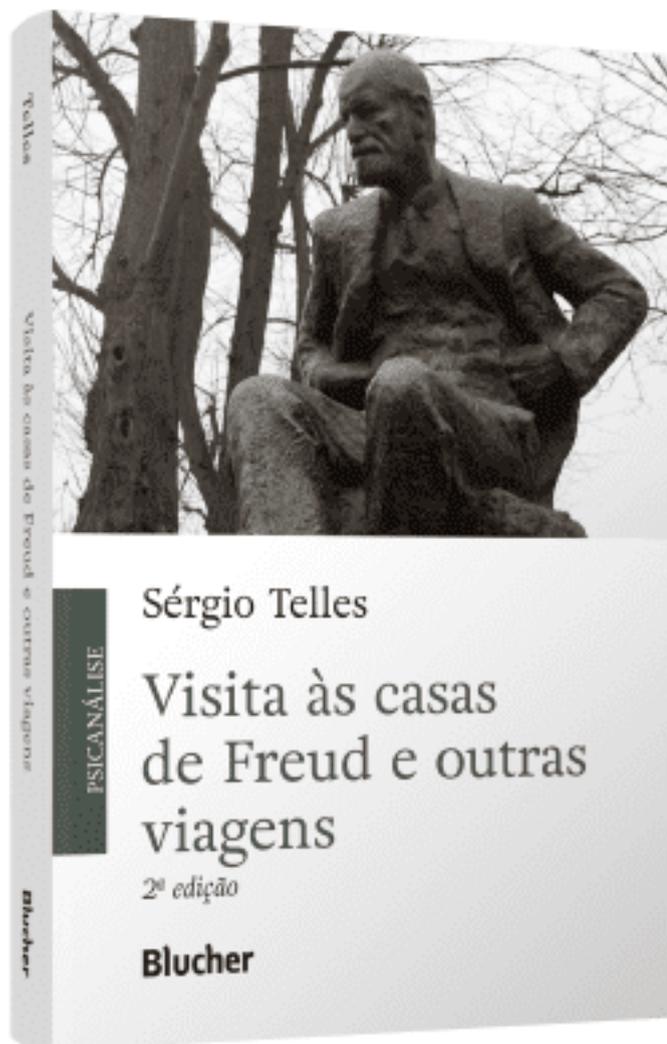


9 786555 067415



www.blucher.com.br

Blucher



Clique aqui e:

[VEJA NA LOJA](#)

Visita às casas de Freud e outras viagens

Sérgio Telles

ISBN: 9786555067415

Páginas: 230

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2023
